

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

## O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 EM BLUMENAU-SC E AS ABORDAGENS DA IMPRENSA

CRISTINA FERREIRA\*

THAYLA WALZBURGER MELO\*\*

### Introdução

A relação de Blumenau com o golpe civil-militar de 1964 envolve inúmeros pontos de convergência com outras regiões do Brasil, ou seja, em um sentido mais aparente, na imprensa, os discursos são moldados de modo a se posicionar calorosamente favoráveis à chamada “retomada da democracia” no país, com o intuito de garantir a generalização acerca do modo como os atores sociais lidaram com este conturbado momento político brasileiro. Os textos, em geral, remetem a uma formalização da maneira de pensar empreendida pelas elites políticas e empresariais, insistentes na tecla de que a “tradição democrática e cristã” foi restabelecida pelo movimento político-militar de 1964, que seria responsável pelo repúdio às doutrinas comunistas do país e às ideias marxistas que circulavam em certas esferas daquela sociedade. Mas este tipo de abordagem opera oposições construídas a partir de intenções políticas claras por parte do empresariado, porém, não denota o ponto de vista e as apropriações que os trabalhadores fizeram a partir do golpe de Estado, portanto, carrega em si um grau de obscuridade e opacidade.

Tais entendimentos são de suma importância para o uso de conjuntos documentais caros à presente pesquisa, a saber, os *jornais de fábrica* e *lou associativos*: *Informativo Hering*, *Radar Sul Fabril* e *Mensageiro Artex*; os periódicos *alternativos*: *Ronda* e *Folha Catarinense*; e a chamada *imprensa geral*, aqui representada pelo jornal denominado *A Nação*; todos preservados no *Arquivo Histórico José Ferreira da Silva* (AHJFS), de Blumenau. A relevância de tal

---

\* Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e professora titular de Pesquisa em História E História do Brasil do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB <cris@furb.br>.

\*\* Acadêmica de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB, bolsista de Iniciação Científica no projeto PIBIC, intitulado *A imprensa como fonte de pesquisa histórica: representações sobre política, cultura e trabalho em Blumenau (1960-1968)* <spirit.of.lilithh@gmail.com>.

documentação histórica de imprensa se deve ao fato de que são periódicos cuja atuação ocorre por meio de uma intensa rede de laços político-empresariais ainda em análise.

O objetivo principal é analisar o processo histórico do golpe civil-militar de 1964 e a maneira escolhida pelos diferentes atores coletivos envolvidos no mesmo para lidar com este momento, com o propósito de problematizar as fontes da imprensa *fabril* e/ou *associativa*, *alternativa* e *geral* de Blumenau, com destaque para as *culturas políticas*, lutas e os conflitos sociais engendrados pelos trabalhadores urbanos durante a instauração do regime autoritário. A metodologia consiste em trabalhar com o *modus operandi* da História Social da Cultura, sob a perspectiva da Micro-história, que valoriza os pormenores da documentação, para circunscrever o objeto de estudo e possibilitar generalizações nos questionamentos levantados. A proposição de análise está pautada na discussão sobre o processo histórico que envolve o golpe de Estado por meio das mudanças e conflitos sociais engendrados por sujeitos históricos de carne e osso, com vontades e percepções que escapam, na medida do possível, aos poderes instituídos, pois estão em constante processo de elaboração e reelaboração de si mesmos.

## **História Política, Populismo e Golpe Civil-Militar de 1964**

A situação em que se encontra a sociedade brasileira na década de 1960, do ponto de vista dos debates mais importantes que surgem nesta conjuntura histórica, culminou em grandes conturbações sociais. É um momento de lutas em favor de conquistas para as camadas populacionais até então menos favorecidas politicamente, de defesa dos benefícios por parte das elites e de revigoração da estrutura militar que também sente os efeitos das efervescências do período, devido à aparente aproximação de alguns setores hierárquicos subalternos das Forças Armadas, sobretudo, de sargentos, com as discussões que eclodem naquela sociedade.

Convém destacar ainda a existência de trabalhos que propõem considerar as mais diversificadas variantes para se pensar o desenrolar de acontecimentos e processos que culminaram no abrupto término do governo de João Goulart (Jango), e, por extensão, no golpe de Estado. Assim, no dizer de Carlos Fico, “As transformações estruturais do capitalismo brasileiro,

a fragilidade institucional do país, as incertezas que marcaram o governo de João Goulart, a propaganda política do Ipes, o ânimo golpista dos conspiradores, especialmente dos militares” (FICO: 2004: 113), constituem-se como variáveis intervenientes de uma ampla gama de razões que atingem seu auge no golpe civil-militar de 1964.

Para o historiador Jorge Ferreira é também a congruência de muitos destes fatores que culminaram no golpe, pois a eclosão de movimentos em defesa de mudanças políticas dificultam as ações do governo Jango nos mais diversos domínios da gerência do poder executivo e possibilitam a abertura necessária para a união entre setores da sociedade com os altos comandos militares na instalação de um novo regime político. Deste modo se tornaria viável para este novo grupo de poder a ser instituído, onde poderiam estabelecer programas que melhor atendessem suas necessidades e redirecionassem o país para a estabilização econômica (FERREIRA, 2003).

Alguns autores defendem, como Daniel Aarão Reis Filho, que a crise política estabelecida durante a presidência de Goulart foi agravada devido ao colapso da forma *populista* de governar. Para muitos, os militares teriam sido os responsáveis pelo fim desta prática e termo, que havia se tornado uma espécie de sinônimo de: “demagogia, corrupção, paternalismo, clientelismo, fisiologismo, irresponsabilidade, irrealismo, peleguismo. Devidamente demonizadas, estas tradições deveriam ser negadas, vencidas e varridas da história do país” (REIS FILHO, 2001: 347). Este modelo de governar seria exatamente a força guia para o direcionamento político do presidente, cujas dificuldades de negociação com a(s) esquerda(s) e a(s) direita(s), torna-se fator de impedimento para atender às reivindicações de ambos os lados. Assim, segundo a tese do colapso do *populismo*, Jango vê seu governo desmoronar e é obrigado a ceder espaço para o grupo golpista, que já ensaiava este ato antes mesmo de sua posse, quando da renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961 (REIS FILHO, 2001).

Ângela de Castro Gomes compreende que o *populismo* representa o “dilema de nosso processo de modernização política, permitindo entender não só os ‘limites’ da experiência liberal-democrática inaugurada em 1946 como as condições que geraram o movimento militar em 1964” (GOMES, 1998: 550-1), mas não o vê como uma forma política de governar que engessa os sujeitos históricos, como se, diante do líder *populista*, as pessoas não pudessem expressar seus

anseios, constituir alianças, engendrar solidariedades sociais, políticas, culturais, entrar em conflito, enfim, negociar.

Portanto, a busca do posicionamento dos indivíduos de maior interesse, a saber, os trabalhadores urbanos de Blumenau, diante dos momentos que antecederam o golpe civil-militar de 1964 e sua instalação, pauta-se neste último entendimento do *populismo* como um espaço de disputas e negociações. Ampara-se de igual forma em assertivas teóricas atentas aos sujeitos reais do processo histórico, a exemplo daquelas que postulam que “são as ações humanas as responsáveis pela construção do tempo histórico e de suas características peculiares nas diferentes inter-relações que o constituem e definem” (NEVES, 2001: 169).

A escolha dos trabalhadores como atores sociais privilegiados na análise historiográfica denota um esforço de pesquisa no sentido de garantir às fontes históricas um tratamento apurado para vislumbrar os indivíduos “comuns”, que aparecem na documentação com certo grau de opacidade e fragmentação. Além disso, para escapar de generalizações apressadas ou que acarretam interpretações simplificadoras dos acontecimentos do período de maior interesse, a produção acadêmica voltada às pesquisas sobre personagens como os trabalhadores tem sugerido a busca por uma identificação dos pontos convergentes e divergentes entre as “experiências históricas específicas, o que possibilitaria a construção de análises comparativas.” (SILVA; COSTA, 2001: 208).

Esta perspectiva analítica pode igualmente ser pensada pela via das *culturas políticas*, conceito que, muito distante de pretender uma chave de interpretação global, contribui com a prática historiográfica na medida em que envolve um “fenômeno de múltiplos parâmetros” (BERSTEIN, 1998: 350) e permite sua adaptação ao complexo constitutivo do comportamento humano. Neste sentido, é importante mencionar que os mais recentes trabalhos acerca do conceito entendem que seu uso permite análises que deem conta de interpretar o comportamento político das personagens históricas, individuais e coletivas, segundo seus códigos culturais e com ênfase sobre suas percepções, vivências e sensibilidades.

O estudo está interessado também na imprensa, pois as publicações surgidas em torno do golpe civil-militar de 1964 demonstram que a história pode estar além dos fatos da chamada

“grande política”. Por esse motivo, torna-se necessário atentar aos pormenores (FICO, 2003) e reduzir a escala de análise, com atenção aos detalhes e aos indícios, para compor os fios que integram a rede complexa da esfera social/cultural vislumbrada tanto nos jornais *fabris* e/ou *associativos* (*Informativo Hering*, *Radar Sul Fabril* e *Mensageiro Artex*) quanto na imprensa alternativa (*Ronda* e *Folha Catarinense*) e geral (*A Nação*).

Problematizar tais periódicos “como fonte de pesquisa é um modo de dialogar com as formas de manipulação de interesses dos grupos e poderes instituídos” (LUCA, 2010: 218), muitas vezes presentes nessas relações de força. Some-se a isto o fato de que não há produção acadêmica no campo da História que problematize e discuta o período imediato à deflagração do golpe e sua posterior implementação e consolidação em Blumenau, a partir da análise de dados que não estão inscritos somente na imprensa dominada por grupos políticos da elite, mas também na imprensa *de fábrica*, associativa e outras fontes.

### **A Imprensa de Fábrica e o Coquetel de Fatos do Misturador**

A linha editorial do periódico *Informativo Hering*, o mais incompleto das séries documentais preservadas que circula no mínimo entre julho de 1964 e agosto de 1970, não direciona excessivamente às condições de trabalho, mas enfatiza a divulgação de eventos sociais, aniversários, casamentos, página feminina e “rabanadas dos peixinhos”, com piadas que referenciam dois “peixes” – símbolo da fábrica – responsáveis pela observação de situações cômicas ocorridas entre os trabalhadores e/ou sócios da Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering (AACTH). Mas, para além de piadas a seção contempla sutilmente algumas reivindicações, tais como: “O Irineu teve uma idéia brilhante estes dias, achou que o governo deveria decretar o Sábado Inglês. Nós sugerimos outra coisa que seria mais interessante: a semana inglesa, isto é, não trabalhar no sábado” (INFORMATIVO HERING – n. 4, 1964: 6). O que importa, neste caso, não é saber se foi ou não um engano da parte do Irineu, mas destacar a clara demonstração de conhecimento acerca da legislação trabalhista, a ponto de utilizar um humor atilado para reivindicar direitos.

O jornal *Radar Sul Fabril*, o mais antigo dos jornais *fabris* e/ou *associativos*, é lançado em fevereiro de 1963 e, apesar de algumas interrupções, editado até julho de 1997. Inicialmente está composto por sete colunas, a saber: *Conheça melhor seu ambiente de trabalho*, de autoria de Heinz Hartmann; *Sociais* e *Crônica do mês*, de Lourival Rodrigues; *Curiosidades*, de Léo Hermann; *A coluna CIPA*, de Aurélio Francisco Flores; *Esportes*, de Wilmar E. Zoschke; e *Humorismo*, de Valmor Buss. De caráter razoavelmente fixo, o periódico consegue promover variações que envolvem desde a troca do autor e manutenção da coluna ou troca da coluna e manutenção do autor, além da mudança dos nomes das colunas. Majoritariamente os escritos do *Radar Sul Fabril* contém registro de autoria e, no que tange ao universo de assuntos de suas edições, circunscreve-se aos acontecimentos no âmbito da fábrica (funcionários, confraternizações, eventos esportivos, acontecimentos da cidade e afins).

O *Mensageiro Artex*, publicado entre janeiro de 1964 e dezembro de 1976, é mensal e está vinculado à fábrica Artex S/A. Dentre suas várias colunas constam *Coquetel de fatos*, assinada pelo pseudônimo Misturador; *Página feminina*, de autoria de Andréa (constava somente o primeiro nome da autora); *Sociais*, por Miriam Kloch; *Página amena*, assinada pelo pseudônimo Kalifa; *Página esportiva*, de Vitor I. dos Santos; *Posto de observação*, assinada pelo pseudônimo Kity; dentre outras. O uso constante de pseudônimos corresponde a uma característica particular do periódico, pois em geral os jornais registram o nome de seus colunistas ou simplesmente não aparece autoria declarada. Quanto ao universo de assuntos a que suas edições se refere, mencionar os âmbitos pelos quais transita é tarefa quase impossível e cabe afirmar que não estão circunscritas, necessariamente, no âmbito fabril ou municipal, com uma gama extensa de temáticas e curiosidades.

A inconstância na periodicidade das colunas faz deste jornal um dos mais interessantes, posto que abrangente, mas, simultaneamente de maior dificuldade analítica, justamente por expandir os assuntos nele tratados para além do espaço de trabalho e local. A coluna *Coquetel de fatos* é exemplar nesse aspecto, principalmente por tratar explicitamente de assuntos políticos, sobretudo, na esfera nacional, e por nascer junto ao periódico, pois se apresenta logo na primeira edição em janeiro de 1964, portanto, às vésperas do golpe civil-militar. Sua escrita ocorre por

meio de tópicos sobre assuntos diversos, mas que, em geral, envolvem notícias das ações do presidente João Goulart e seu governo. Em seu primeiro tópico, intitulado *Incomodativo*, há uma crítica ao horário de verão implantado para economizar energia, porque na visão do colunista, de pseudônimo *Misturador*, o plano não deveria ser posto em prática devido ao fato de que as fábricas precisariam ligar suas luzes muito cedo.

A posição política do *Misturador* coincide com as posturas apresentadas nos veículos de informação do período, nos quais a culpa de todo o caos econômico recai sobre a suposta falta de aptidão de Goulart em governar o Brasil, que acaba por fortificar a tese da ingerência presidencial. O historiador Jorge Ferreira defende que Jango era um bom negociador, mas assume o governo federal numa situação delicada, “sob gravíssima crise militar, com as contas públicas descontroladas, tendo que administrar um país endividado interna e externamente, além da delicada situação política” (FERREIRA, 2003: 348). Afora isso, as partes com as quais conversa para constituir alianças não aceitam um governo de conciliação, preferem aplicar posicionamentos mais marcados em favor de mudanças.

Na eminência do golpe de 31 de março, na edição deste mesmo mês no *Mensagem Artex*, *Misturador* dá continuidade à fala sobre o horário de verão e ataca novamente: “Bem melhor seria se o atual Presidente e seus auxiliares imediatos demonstrassem capacidade e força para resolver os terríveis problemas que castigam por demais a Nação, ao invés de se preocuparem com o horário, que sempre esteve bom e não precisa de *reforma*” (MISTURADOR, 1964: 8). Este tópico traz em seu término a palavra *reforma*, da qual é possível inferir que isto ocorre em alusão às discussões sobre *reformas de base*, presentes desde o início do governo Goulart como uma alternativa para os problemas que atingem a maior parte da população brasileira.

Tal agitação política abre espaço para que setores das forças armadas anticomunistas, conservadores da igreja católica, partidos políticos de direita, em especial a UDN, além de outros segmentos descontentes, tentem desarticular seu governo pela via do golpe. As repercussões deste acontecimento em Blumenau ocorrem com certa instantaneidade, conforme se percebe no pronunciamento aos blumenauenses do prefeito de Blumenau, Hercílio Deeke, quando se refere ao “espírito patriótico” do povo local, responsável pela manutenção da “tradição democrática e

cristã, que sempre destacou a nossa gente, mantendo-se em estrita ordem e calma, seguindo o seu ritmo de trabalho” (DEEKE, 1964: 1).

## **A Operação Limpeza entra em cena**

A democracia torna-se o conceito mais importante e constante nos discursos políticos oficiais, com o propósito de justificar politicamente a ação militar contra o governo Jango, identificado por muitos como aliado às esquerdas e ao comunismo. Esta ênfase na retomada da “verdadeira democracia” após a tomada do poder pelos militares pode ser remetida a uma ideia de passado idílico que antecede o governo de João Goulart, no interstício entre o final da Era Vargas, passando pelo desenvolvimentismo dos “cinquenta anos em cinco” de Juscelino Kubitschek e o “populismo” de Jânio Quadros, que estaria disposto a representar politicamente os operários e a classe média assalariada, com o propósito de integração destes sujeitos ao capitalismo sob a égide do paternalismo.

Contudo, ao destacar a calma e ordem que tomam conta da cidade a partir do “movimento político-militar que veio salvar o país do comunismo” (DEEKE, 1964: 1), o prefeito solicita: “concito aos operários a não se deixarem enredar por falsas doutrinas e seus falsos doutrinadores, pois a sua pregação é estranha à formação democrática, moral e cristã que, por tradição, sempre combateu ideologias contrárias à sua maneira de pensar, sentir e agir” (DEEKE, 1964: 1). O uso do termo “concito os operários” demonstra a clara intenção de persuadi-los contra o comunismo. Ora, isso indica uma contradição no próprio discurso inicial de “ordem e calma”, pois os trabalhadores estão de algum modo, ligados às perspectivas trabalhistas que relacionam direitos e conquistas de ordem prática no âmbito da melhoria de suas condições de vida. Portanto, se fosse tão calma e tranquila a situação no município, o tom de absoluta defesa da nova ordem instituída não seria tão enfático.

Por si só a fala representa um discurso que entra em conflito com alguns acontecimentos desta conjuntura no município, devido à prisão de certos indivíduos e denúncias contra a exploração feita por algumas indústrias de Blumenau, apesar das falas oficiais enfatizarem o

prevalhecimento da ordem na cidade e certa harmonia entre patrões e empregados. Neste sentido, convém destacar o programa denominado “Operação Limpeza”, responsável por empreender uma varredura dos líderes comunistas para consolidar a vitória da “Revolução” e garantir a democracia no Brasil. Em artigo do *Ronda* intitulado “Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau”, além da citação da perseguição aos comunistas e sua inevitável prisão, pairava no ar uma espécie de espanto, porque supostamente, segundo o jornal, armas foram apreendidas junto deles, fator que concede ao “movimento todas as características de plano subversivo de traição nacional” (RONDA, 1964: 4).

A relação entre patrões e trabalhadores, portanto, está longe de representar harmonia, ao contrário do que boa parte dos discursos da imprensa veicula com tanta ênfase no período. Em manchete de fevereiro de 1964, momento que antecede um pouco o golpe, a *Folha Catarinense*, um jornal editado em Florianópolis e declaradamente de postura comunista, denuncia o que entende por “exploração violenta” praticada em Blumenau pela indústria de Gazes Medicinais Cremer S/A. O periódico publica uma espécie de declaração, que deveria ser assinada pelos funcionários e gera algo considerado pelos redatores como “contratos de trabalho criminosos”, onde consta:

*Declaro, para os devidos fins, que estou de pleno acordo em trabalhar na Fábrica de Gazes Medicinais “Cremer” – S. A. [...] sujeitando-me a executar todos os serviços que por ela me forem designados, em qualquer seção, no horário que a mesma julgar necessário, seja no período diurno ou noturno, e em qualquer época, pelo que firmo a presente declaração, da qual me foi entregue uma cópia. Blumenau, 25 de 9 de 1963. (FOLHA CATARINENSE, 1964: 1).*

A declaração fere os direitos trabalhistas na medida em que pretende dispor do trabalhador da maneira que melhor lhe convém. Mas, além disso, importa dizer que os trabalhadores, de algum modo, parecem cientes de seus direitos, porque aparentemente a notícia é recebida como denúncia de alguém que teria assinado tal declaração. A acirrada divulgação contra os contratos que lesam operários feita pela *Folha Catarinense* também conta com o suporte do *Novos Rumos*, jornal comunista de circulação nacional, sob a responsabilidade do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Estes jornais são duramente censurados em alguns periódicos de fábrica, a exemplo do *Mensageiro Artex*, que alerta “a propósito da distribuição

gratuita de um jornal intitulado *Novos Rumos*” na calada da noite à saída dos cinemas ou das fábricas, ao indagar: “Qual seria a mensagem estranha de tal edição, que precisa ser distribuída gratuitamente para que seja lida, e ainda na escuridão da noite, quando não é possível de se ler nem o título?” (TOCAIA L3, 1964: 11). A mensagem imputa como justificativa para o aceite dos trabalhadores ao jornal, o fato de que não podem ler o título na escuridão da noite, negando a possibilidade de que possam tê-lo feito por vontade própria.

No periódico *Ronda*, por sua vez, embora não estampe a capa do jornal, a notícia é mais evidente porque faz menção direta ao nome do trabalhador que depõe contra a imagem da calma cidadina, sob a seguinte chamada: “Operário denuncia: trabalhadores do Canal não têm carteiras, mas sofrem descontos”. O teor da reclamação é o seguinte:

*Trabalho há mais de um ano no Canal Bom Retiro, nunca tive Carteira Profissional, sofro desconto do Instituto e para o cúmulo de todas as irregularidades, alguns de meus superiores nem mesmo me conhecem – com estas afirmações compareceu à nossa redação o operário José Lombardi, solicitando divulgação do fato como última tentativa de saneamento da parte burocrática daquela atividade. (RONDA, 1964: 2).*

Apesar deste jornal não postular uma posição política clara, o simples fato de publicar tal informação indica que a luta por direitos e os conflitos não estão presentes apenas em periódicos cuja linha editorial está pautada em um posicionamento partidário de esquerda, muito menos que a manifestação dos trabalhadores esteja restrita à militância e ao sindicalismo.

## **Considerações Finais**

O entendimento adotado de *populismo* busca demonstrar que o conceito não pode ser visto somente como uma forma de governar que os militares teriam extirpado da política nacional, porque se torna maléfica à coisa pública. Ao invés disso, é possível tratá-lo como espaço da política nacional para disputas e negociações dos sujeitos históricos na apartada arena das lutas sociais, o que permite uma compreensão mais apurada e atenta aos pormenores do

processo histórico do golpe civil-militar de 1964 e a maneira escolhida pelos trabalhadores urbanos de Blumenau para lidar com este conturbado momento da história brasileira.

Não por outros motivos, e atilados que são, fazem críticas ao seu tempo, salvaguardados, muitas vezes, por pseudônimos. Este recurso do anonimato está vinculado a possibilidades que referenciam tanto o resguardo do autor quanto aos usos da imaginação por parte do leitor. Além disso, seja por intermédio de piadas sutis, mas reivindicatórias de direitos; das críticas ao governo Goulart; ou de denúncias de exploração por parte dos patrões; a imprensa de fábrica, alternativa e geral, quando devidamente analisada, demonstra que os trabalhadores não estão alheios aos acontecimentos como os discursos oficiais tentam fazer parecer. Ligados ou não à militância ou ao sindicalismo, a favor ou contra a destituição de Jango, eles estão envolvidos em um campo de lutas para garantir a representação de seus interesses, que remete a uma participação em um jogo político repleto de negociações e conquista de direitos trabalhistas.

## Referências

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

DEEKE, Hercílio. Mensagem do Prefeito Hercílio Deeke. In: A NAÇÃO – Ano XX, n. 171. Blumenau, 04 de abril de 1964.

FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: \_\_\_\_\_; DELGADO, Lucilia A. N. (orgs.). *O Brasil republicano* (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia A. N. (orgs.). *O Brasil republicano* (v. 4). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (coor.); SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (v. 4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MISTURADOR (pseudônimo). Coquetel de fatos. In: MENSAGEIRO ARTEX – Ano I, n. 1. Blumenau, janeiro de 1964.

\_\_\_\_\_. Coquetel de fatos. In: MENSAGEIRO ARTEX – Ano I, n. 3. Blumenau, março de 1964.

NEVES, Lucília de Almeida. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

SILVA, Fernando Teixeira da; COSTA, Hélio da. Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TOCAIA L3 (pseudônimo). Atenção! Cuidado com os vermelhos! In: MENSAGEIRO ARTEX – Ano I, n. 2. Blumenau, fevereiro de 1964.

\_\_\_\_\_. Os briosos soldados da “Sentinela do Vale” voltam ao seu quartel. In: MENSAGEIRO ARTEX – Ano I, n. 4. Blumenau, abril de 1964.

Fontes documentais (Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”, de Blumenau-SC): Radar Sul Fabril; Mensageiro Artex; Informativo Hering; A Nação; Ronda; Folha Catarinense.